

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor litoral

GABRIEL BARBOSA ARAÚJO

**A potência da incompletude**  
Chaves para desenho de caminhos formativos em espaços  
educacionais

MATINHOS  
2022

GABRIEL BARBOSA ARAÚJO

**A potência da incompletude**

Chaves para desenho de caminhos formativos em espaços educacionais

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Pós-Graduação  
em Alternativas para uma Nova  
Educação, setor Litoral da Universidade  
Federal do Paraná, como requisito para a  
obtenção do título de Especialista em  
Educação.  
Orientadora: Sonia Maria Goulart  
Gonçalves

MATINHOS  
2022



CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO - TURMA 3 (2021)

## **A potência da incompletude**

Chaves para desenho de caminhos formativos em espaços

educacionais

### RESUMO

O trabalho busca refletir a trajetória de constituição de um docente, ao longo de sua caminhada. Formações, vivências, reflexões e atividades educacionais, em diferentes espaços escolares e comunitários. Essa reflexão transpassa pelos campos de ensino, pesquisa e extensão, com foco em algumas atuações que são mais impactantes na autoformação.

Palavras Chave: Formação Docente, Educação alternativa, Atividades extracurriculares, Comunicação Não Violenta, Coordenação Pedagógica

## 1. APRESENTAÇÃO

Meu nome é Gabriel Araújo, sou professor de educação infantil desde 2013, licenciado pela Universidade de Brasília em Filosofia e atualmente atuo como coordenador pedagógico de 2 projetos de contraturno, o Azul Turquesa, com a proposta de ocupação do espaço público com as crianças e o UBT KIDS, com a uma proposta de educação pelo movimento a partir da escalada, do circo e do parkour para crianças e adolescentes. Também faço parte do projeto de extensão Semeadores de investigação (SEMILLERO BRASIL): educação, transformação e alegria na prática docente e do grupo de Pesquisa Educação, Saberes e Decolonialidades (GP-DES) do PPGE/FE/UnB.

Para chegar nessa realidade percorri um árduo caminho nas minhas andanças pelo ambiente acadêmico e profissional. Demorei anos para finalizar minha graduação, isso se deveu ao fato de que sempre trabalhei ao longo do curso, por necessidade e também por ver mais sentido em estar com as pessoas e tentando transformar minhas intenções de transformação da realidade, elaboradas na teoria, em prática. Outro fator importante que permeou minha formação na

Universidade foi minha dificuldade tremenda em acompanhar o ritmo de leitura e escrita. Tenho mais familiaridade com a oralidade e tenho mais lastro com a presença de outra pessoa que com um livro, e essas características foram me levando a explorar a Universidade em busca de espaços que estivessem se pautando também por esses outros vieses de mobilizar a produção de conhecimento.

Assim cheguei à extensão e aos estudos decoloniais, um trazendo a interlocução direta com o território e outro trazendo a perspectiva histórica de reverter projeto civilizatório moderno com as chaves de raça e gênero, e a subsequente organização do poder em relação a esses eixos em todos os níveis.

Na turma do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, ANE 3, encontrei espaço para trazer meu projeto de uma *forma* que pudesse também fazer sentido para mim, e não só cumprir uma formalidade que não ressoa com a luta que travo na minha vida. Decidi então desenvolver o texto como um relato de experiência, também levando em consideração processos de adoecimento, e sobrecarga de trabalho típicos do momento em que vivemos, de ascensão neoliberal travestida de desconstrução progressista e absurdos de todo o tipo feitos em nome da moral e dos bons costumes sendo naturalizados em ampla mídia e impunidade política. Além, é claro, de uma pandemia mundial.

Pretendo ensaiar uma abordagem de como criar processos formativos entendendo os limites de qualquer abordagem prescritiva a partir da noção de que somos seres marcados pela incompletude, situados em um território específico, constituído por identidades específicas. Portanto busca-se fornecer critérios e, mais importantemente, reflexões e perguntas orientadoras para um diagnóstico contextual, um levante de referências e a então a construção coletiva de caminhos formativos para uma equipe pedagógica. O projeto

seria desenvolvido em articulação com minha experiência prática nos espaços que faço parte, basicamente uma sistematização da minha forma de exercer o papel de coordenador pedagógico.

Será de muita importância a presença metodológica da *pergunta* como constituinte fundamental dos processos de ensino e aprendizagem, para o aluno e o professor. Uma busca que envolva definir e marcar o lugar de enunciação permitindo uma ponte intercultural consciente e engajada, territorializada e compromissada com a luta pela criação de projetos de mundo e da convivência de respeito entre estes. Reforçando também o papel social da escola via uma concepção de ação de suporte que esses outros instrumentos educativos, os *contraturnos* e *atividades extracurriculares*, podem cumprir no percurso formativo das múltiplas infâncias no atual contexto de disputa mercadológica pela educação infantil. Processo que chamo de pedagogização de espaços não escolares.

Minha intenção é expor como essa intenção foi operacionalizada em 3 diferentes vivências, a saber, minha experiência como professor e coordenador pedagógico em 2 espaços de contraturno escolar, trabalhando com formação de docentes em espaços educativos não escolares voltados ao público infantil me deparo com pessoas de múltiplas formações, com e sem experiência de ensino, com e sem experiência formativa específica didático pedagógica. Conscientização política e "pedagogização" de espaços educacionais privados. E a experiência como extensionista no Semillero, onde participamos da organização de múltiplos encontros de educação, incluindo a CONANE, ações formativas junto a equipe pedagógica de uma escola pública de Brasília, a espaços parceiros sendo escolas públicas e privadas além de espaços não escolares, intercâmbios dentro da Red Latinoamericana de investigación con Niños. O Semillero divide-se em círculos de prática, desde 2020 o círculo de formação docente foi submetido como projeto de extensão, também da FE/UnB, sendo aprovado com o título Formação Docente E Discente Por Meio De Trilhas De Investigação Próprias Das Infâncias. Nesse projeto, fizemos algumas edições de um curso de extensão aberto à comunidade visando vivenciar os movimentos metodológicos que

desenvolvemos ao longo dos anos, atuando diretamente com as crianças dos espaços parceiros e estudando alguns referenciais teóricos importantes da nossa prática.

## 2. COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Trabalho no campo da educação alternativa fazem 9 anos e penso que algo essencial para os movimentos ditos alternativos é não se pautar somente pela referência negativa do hegemônico ou tradicional, mas sim pela afirmativa de outras bases para o processo que se visa. No caso os ambientes alternativos são também parte do todo que se nega em discurso, pois a colonialidade que permeou o processo de subjetivação coletiva moldou também o sonho, o inconsciente e as relações de poder sutis.

Ao longo dos anos passei por algumas funções dentro do ambiente escolar. Desde cada ponto de vista fui aprimorando meus entendimentos sobre como promover um ambiente que possibilitasse que o processo duro processo de revisão das bases simbólicas que sustentam nossa sociedade e habitam em cada corpo possam ser reconhecidas e assim em diante trabalhadas.

Como professor eu tinha facilidade em apontar contradições, me juntar com meus pares e reclamar da direção que parecia estar contra a equipe pedagógica, da coordenação que parecia estar mais preocupada em se defender do que avaliar com sinceridade os processos que acontecem na escola. Porém dessa maneira eu só estava fomentando a própria ciranda que queria dismantelar. Após assumir o papel de coordenação em outros dois espaços educativos não escolares tive a oportunidade de me reposicionar em relação a tais dilemas.

Como coordenador já não podia cair no pacto de mediocridade e deixar por isso, estava somente em minhas mãos planejar a estrutura de formação continuada da equipe pedagógica e as bases político filosóficas educacionais que iriam reger a prática pedagógica, as relações trabalhistas e de poder ali presentes. Assim começou uma nova fase em meu próprio processo de aprendizagem, assim começou o meu projeto de vida, a potência da incompletude.

Desse modo, ao longo do tempo busquei maneiras de suscitar na equipe o engajamento de cada pessoa em buscar compreender e investigar o seu próprio ser docente. Na esperança de que essa mudança de entendimento do que é que nós construímos coletivamente ali nos espaços educativos pudesse também trazer uma efetiva mudança no como o dia a dia é vivido e elaborado.

Uma percepção que eu tinha claramente, também pelo tempo que fui professor, é que não adianta um Projeto Político Pedagógico ou um Código de conduta empresarial que não reflita a realidade das relações que se desenvolvem no dia a dia. E que uma mudança de cultura só seria efetiva quando cada pessoa que faz parte da trama educativa dali, professoras, equipe de limpeza, secretaria e gestão, atuasse de forma orgânica a partir daqueles princípios. E para isso outro olhar importante era para as condições de trabalho, desde a remuneração ao suporte no dia a dia.

### 3. AZUL TURQUESA / Ser Docente

O Azul é um espaço de experimentação e de convivência, um laboratório de brincar, de pensar, de explorar e de conviver. Assim, nossos princípios e metodologias são principalmente; O encontro e a autogestão, mediar o convívio em coletivo, seus conflitos e potências e a autonomia de cada criança; Viver a cidade, caminhar, interagir, explorar, entender e dialogar com o território que habitamos juntos; Investigação, instigar a aprendizagem com curiosidade e encantamento.

A partir daí desenvolvemos um cronograma básico das turmas que envolve a recepção das crianças, o passeio diário cada dia para um destino diferente (parque, parquinhos das quadras, gramados), atividades ao ar livre, brincadeiras coletivas e atividades internas de artes e produções manuais, também jogos educativos e leitura. O cronograma vai se moldando com base na identidade das turmas, nos interesses das crianças e na atuação da equipe pedagógica, sempre permeado pelo brincar e o acolhimento afetivo das educadoras.

O contraturno foi fundado por mim e uma amiga, Pétala Cocentino, pedagoga formada pela UnB e que também fazia parte comigo do projeto de extensão Semillero Brasil, do qual

falarei adiante. Para atuar no contraturno conosco, chamamos algumas ex-colegas de trabalho da escola onde nos conhecemos que sabíamos que estariam alinhadas com os princípios que visualizamos para esse nascente projeto.

Com o tempo divulgamos no projeto de extensão oportunidades de trabalho no Azul, e conforme fomos nos estabelecendo quanto a nossa prática eventualmente fizemos processos seletivos abertos. E assim a cada passo se ampliavam os nossos desafios quanto a pensar e estruturar a formação continuada de quem se dispusesse a trabalhar no projeto.

Como nossa proposta central tinha um forte apelo político, de trabalhar a agência política da infância na cidade e o exercício da cidadania pelas crianças, precisaríamos pensar numa forma de acordar coletivamente esse entendimento e pensar estratégias para trazê-los para a prática diária. Nesse movimento entendemos também que cada educadora tinha um entendimento próprio sobre tanto os princípios quanto as potências envolvidas no dia a dia do Azul.

Assim fui levando minha atenção para uma compreensão anterior a de quais são os antecedentes teóricos e práticos que baseiam a instituição, a da pergunta "quem sou eu como docente?". Essa pergunta se tornou então a base do processo



de formação proposto aqui.

### 3. UBT KIDS / Compreensão coletiva institucional

O UBT Kids é um projeto educacional nascido em 2014, começando como uma colônia de férias com escalada e circo e ao longo dos anos se estabeleceu como uma proposta de educação pelo movimento. O projeto tem o objetivo de difundir a prática da escalada, do movimento e das artes corporais como formas de estimular o desenvolvimento humano. Além disso, promover um estilo de vida saudável, baseado na colaboração, respeito, segurança, superação de desafios e na integração com o ambiente. Nosso olhar sobre a prática desportiva valoriza muito a importância da formação de conduta e da possibilidade expressiva do movimento para o corpo, corpo como existência, movimento como vida.

Enxergamos na prática esportiva uma ferramenta para o autoconhecimento e desenvolvimento pessoal e coletivo, o que possibilita um estilo de vida mais integrado e respeitoso com o ambiente. Sendo assim, para além de uma performance atlética e da competição, a escalada, as artes e as práticas de movimentação corporal são instrumentos de realização pessoal, promoção de saúde e integração social e ambiental.

Porém esses entendimentos foram organizados coletivamente durante alguns anos. O processo seletivo no qual fui selecionado tinha o intuito de trazer uma estrutura concisa para o programa, que havia crescido e acolhido muitas pessoas para darem aula porém cada um baseado na forma que conhecia, ainda não havia totalmente um entendimento comum do que era a proposta do programa.

Dessa forma surgiu a pergunta que se seguiu da anterior, "Quem sou eu como docente?", a pergunta "Quem somos nós (Instituição) como projeto educativo?". No ambiente escolar esse alinhamento seria feito no processo de edição do PPP (Projeto

Político Pedagógico), porém num espaço não escolar com formato jurídico de empresa como poderia acontecer uma movimentação semelhante no sentido da compreensão coletiva, reconhecimento e pertencimento?

#### 4. FORMAÇÃO DOCENTE POR MEIO DAS TRILHAS INVESTIGATIVAS PRÓPRIAS DAS INFÂNCIAS / Contexto e realidade onde estamos

Como mencionei na apresentação, faço parte do projeto de extensão Semeadores de investigação: educação, transformação e alegria na prática docente (SEMILLERO BRASIL). O projeto propõe um espaço de pesquisa e extensão interdisciplinar e intercâmbio de ideias, projetos, práticas e pessoas que desejem transformar a prática docente com alegria, rigorosidade investigativa e práticas extensionistas. Seu desenvolvimento se dá em encontros com estudantes e professores, com coordenação colegiada. Suas ações e discussões ocorrem em nível local, nacional e internacional. Seu objetivo é possibilitar aos estudantes de graduação, a partir da experiência de criação de uma prática reflexiva alicerçada em debates, execução de projetos, participação e organização de encontros, colóquios, trabalhos em territórios educativos livres e práticas extensionistas, marcadas pela presença da comunidade, e, principalmente, do intercâmbio discente, uma formação complementar, crítica e solidária.

No âmbito do projeto começamos em 2020, a partir da demanda vinda de uma escola pública do Paranoá, uma das regiões administrativas periféricas de Brasília, uma vertente dedicada a pensar mecanismos de formação docente na escola com base na nossa experiência de atuação direta com as crianças ao longo dos anos no projeto de extensão. Nessa ocasião, nossa ação se desenvolveu com 34 educadores que vivenciaram a Trilha Investigativa proposta, retomando o território e seus saberes locais com mais de 500 estudantes, em uma única escola.

No ano seguinte nos inscrevemos no edital Licenciaturas em Ação do Decanato de Extensão da UnB e fomos contemplados com bolsas para estudantes que atuariam numa versão aberta à comunidade baseada no ciclo que vivenciamos em 2020 só com a equipe da escola em questão. Assim surgiu a primeira edição do curso de extensão Formação docente por meio de Trilhas Investigativas próprias das Infâncias.

Nessa primeira edição, o objetivo geral do curso era promover uma formação docente que fortaleça a interação entre estudantes de pedagogia da Universidade de Brasília e professoras e professores da Rede Pública de Ensino do GDF e outros espaços escolares e não escolares. O curso seria organizado por meio de vivências com a metodologia “Trilhas Investigativas próprias das Infâncias”. Onde as cursistasteriam a oportunidade de planejar, executar e participar de uma prática formativa que potencialize outras formas de ensino e aprendizagem na escola com crianças, fortalecendo o diálogo entre Universidade e Escola.

Recebemos inscrições vindas da Bahia, Goiás, Santa Catarina, Piauí, Rio de Janeiro, em sua maioria mulhes brancas, cis, que atuam como professoras na rede pública, em específico na educação infantil ou no fundamental. Fizemos a vivência da trilha da forma que propomos às crianças em ações anteriores realizadas pelo Semillero. Como o pontapé inicial da trilha é pensar uma perguntar que esteja bem presente para a pessoa, acabamos por entender que a maioria das participantes queria entender a realidade em que estavam inseridas e com essa ajuda que o curso poderia trazer no sentido de outras óticas de entendimento e ação pedagógica desenvolver estratégias e vivências de ensino que fossem mais satisfatórias, relevantes e positivas para as diversas infâncias em questão.

Com a diversidade de realidades em diálogo na experiência do curso me veio uma terceira questão base para o desenho de um caminho formativo, "Como é a realidade onde vivo?".



Registro de um dos encontros do curso

## 5. Estratégias / Desenho

O título do projeto é a Potência da Incompletude seguindo Paulo Freire, que nos sugere que abraçar a pergunta, e não a resposta, como cerne do movimento do conhecimento. Acredito que a soma dessas experiências pode me fornecer essas 3 perguntas chave para que, em cada contexto, possam ser criados diversos caminhos formativos.

*"Quem eu sou como docente"*

Tomar a si como uma investigação constante, que valorize a minha identidade, e me possibilita criar e proporcionar processos de aprendizagem em concordância com o que acredito e intenciono.

*"Quem nós somos como projeto educacional"*

Entender os limites dentro dos quais posso gerir e co-criar esses processos, partindo de uma identidade comum, coerente e efetivada no cotidiano.

*"Como é a realidade onde vivo?"*

Qual é o sentido e o propósito da existência do nosso projeto? E em que medida ele se articula com as demandas sociais advindas do território onde existimos.

Tendo o conjunto das 3 perguntas como base, pode-se então pensar em estratégias para mobilizar essas questões junto a equipe. E então decidi somar ao meu repertório a Comunicação Não Violenta. Essa escolha também passou por uma percepção ao longo dos estudos em decolonialidade, sobre a dor que pode estar envolvida em visitar as bases racistas, patriarcais, misóginas e coloniais que permearam o processo civilizatório

que gerou nosso país e conseqüentemente habita em nós todas.



Equipe trabalhando com a CNV - Foto: Acervo pessoal

A CNV (Comunicação Não Violenta) é um arcabouço de estratégias comunicativas que partem do pressuposto que qualquer pessoa possui necessidades humanas universais, que representam os diferentes aspectos do nosso bem-estar no nível físico, emocional, mental, social e espiritual, e os sentimentos seriam mensageiros do nível de satisfação dessas necessidades.

As necessidades são intangíveis, por exemplo, a necessidade de alimento, não é de um certo alimento qualquer, porém um certo alimento qualquer poderia ser uma estratégia para atender a necessidade de alimento. Sendo assim não existiriam sentimentos ruins, somente indicadores de que existe alguma necessidade que pode não estar sendo atendida.

A partir dessa premissa busca-se então trabalhar a comunicação, relação consigo e com os demais dentro da equipe. Pois como não bastam formações pontuais para que a prática reflita os princípios e a teoria que a sustenta, a CNV

poderia trazer para o dia a dia, ferramentas e recursos necessários para o

desenvolvimento de um ambiente de confiança. Essa gestão das relações no ambiente parece ser fundamental para que o árduo processo de formação se encaminhe de forma propositiva, responsável, horizontalizada e potente.

## 6. Conclusão

Como entrega final do meu projeto escolhi trazer uma oficina de CNV para espaços educativos como parte da programação do evento V CONANE (Conferência Nacional de Alternativas para Nova Educação) Caiçara, que aconteceu em junho de 2022 na UFPR Setor Litoral. Organizado pelo mesmo coletivo envolvido na turma da especialização ANE 3.

A CONANE é uma oportunidade de troca intensa entre pessoas que trabalham com educação e sonham com uma realidade mais justa, inclusiva e realmente democrática. Nesse sentido pensei que uma oficina vivencial poderia agregar mais a essa troca do que talvez uma mera apresentação do percurso do projeto.



Oficina de CNV em espaços educativos Foto: Serafilmes

Participaram 11 pessoas da oficina, vindas de contextos e realidades muito diversas. Com a abertura ao amplo acolhimento que propus acabaram surgindo questões bem pessoais e delicadas, suscitando mais um ponto importante de se tomar a amizade e a abertura a troca baseada na linguagem empática é a responsabilidade. Toda essa movimentação será transformada em potência na medida em que for feita com responsabilidade e consciência.

A partir então das perguntas base podem nascer vários caminhos situados, ou seja, levando em consideração o território, as múltiplas identidades que compõem a equipe, os precedentes institucionais e as relações que configuram o dia a dia. A CNV se mostra como um potente caminho para processos de gestão, de criação coletiva e também de trabalhar as intervenções com as crianças e a auto investigação por parte de cada integrante da equipe.

#### Bibliografia:

- ESCOBAR, A. (2016), Autonomía y diseño. La realización de lo comunal, Popayán, Universidad del Cauca
- CALVO, C. (2017) Ingenuos, ignorantes, inocentes/ Carlos Calvo .— 1a ed. —Santiago: Ediciones de la Junji
- VOGEL, A.; VOGEL, V.L.; LEITÃO, G.E. de A. (1995) Como as crianças vêem a cidade, Rio de Janeiro: Pallas: Flacso: UNICEF.
- RIBEIRO, D. (2019) Lugar de fala, São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen
- NEIL, A. S. (1973) Summerhill - Liberdade sem medo - Radical transformação na Teoria e Prática da Educação, São Paulo: IBRASA
- ACOSTA, A. (2016) O bem viver : uma oportunidade de imaginar outros mundos, São Paulo : Autonomia Literária, Elefante
- COREA, C. (2005) Pedagogía del aburrido: escuelas

destituidas, familias perplejas.-1a. ed, Buenos Aires : Paidós  
hooks, bell (2017) Ensinando a transgredir : a educação como  
prática da liberdade -2.ed. - São Paulo : WMF Martins Fontes

SIBÍLIA, P. (2012) Redes ou paredes : a escola em tempos de dispersão, São Paulo

: Contraponto

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. (2017) Por uma pedagogia da pergunta - 8a.ed. - São Paulo : Paz e Terra

MASSCHELEIN, J. (2019) Em defesa da escola: uma questão pública - 2a.ed. - Belo Horizonte : Autêntica Editora

VASCONCELLOS, C.S. (2004) Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 5. ed. São Paulo: Libertad

H. SINGER (2010). República de crianças: sobre experiências escolares de resistência. Campinas: Mercado de Letras

ROSENBERG, Marshall B. (2006) Comunicação não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora